

## **NO DISCURSO DOS ALUNOS – A LEITURA: UMA PRÁTICA ESCOLARIZADA**

ELI REGINA NAGEL DOS SANTOS (FURB).

### **Resumo**

Esta investigação situa-se na área da Educação, é um recorte de pesquisa de mestrado, na qual, almeja-se: compreender os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura nos discursos dos alunos de 8a. série (nono ano). Para tanto, buscaram-se fios teóricos que contemplam contribuições de áreas diferentes, como: Orlandi (1987; 2001), Perissé (2005), Chartier (1999). Desde modo, optou-se por trabalhar com uma abordagem qualitativa de pesquisa, e para análise – guiados pela teoria da Análise Discursiva. Para obter as formulações dos sujeitos foi realizada uma entrevista em grupo com três alunos de 8a. série, de uma escola da Rede Pública Municipal de Ilhota – SC. Porém, para este artigo, nos limitaremos a um recorte no discurso de um sujeito, considerando a possibilidade de aprofundar esta formulação. Desta forma, a partir dos estudos realizados reconheceu-se nas formulações discursivas do sujeito: a leitura como uma prática escolarizada, utilizada para responder exercícios de livros. Subjacente a seu depoimento, o sujeito, retratou a necessidade da leitura, enquanto, prática social. Como também, deixou entrever a carência de definição sobre: a importância, a utilidade da leitura no final do Ensino Fundamental, citando-a, exclusivamente, como fonte de informação. Assim, podemos dizer que: Ser leitor na escola pode ser mais do que participar de práticas escolarizadas, ou seja, adquirir/reter informação e realizar leituras mortas sem função e papel social. É oportunizar como fundamento para o aluno, a leitura dentro das dimensões de Perissé (2005): ler para informar-se, para distrair-se, para refletir, para inspira-se, e nessas condições formar-se e transformar-se, enquanto cidadão, com voz e vez, dentro da sociedade letrada de que participa.

### **Palavras-chave:**

leitura, discurso, aluno.

### **1 Iniciando a discussão**

Esta investigação é um recorte de pesquisa de mestrado em Educação, que busca uma compreensão teórica do ato de pesquisar com o propósito de responder por meio dos alunos de 8º série a seguinte questão: *Quais os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura nos discursos dos alunos de 8º série?* Um dos grandes objetivos da escola apóia-se no desenvolvimento da linguagem. A leitura sustenta-se na linguagem e perpassa todo o campo educacional, sendo legitimada e qualificada durante o período escolar. Nessas condições, é uma habilidade que favorece o trânsito dos estudos e a apropriação de conteúdos nas diferentes áreas, inclusive, os inerentes às teorias do conhecimento. A leitura compõe os elementos que garantem o desenvolvimento humano e a educação integral do aluno.

Na pesquisa, Retratos da Leitura no Brasil, realizada em maio de 2008, revela indicativos importantes em que houve um crescimento de leitura no país nos últimos anos. Porém, aponta que 48% da população declaram-se como não-leitores

(não leram um livro nos três meses anteriores à pesquisa). As dificuldades de leitura declaradas configuram um quadro de má formação das habilidades necessárias à leitura, o que pode decorrer da fragilidade do processo educacional: lêem muito devagar: 17%; não compreendem o que lêem: 7%; não têm paciência para ler: 11%; não têm concentração: 7%. Todos esses problemas dizem respeito a habilidades que são formadas no processo educacional. Os dados apresentados somam 42% do universo pesquisado. Apesar dessas confirmações, a pesquisa demonstra que as pessoas lêem mais na idade escolar, o que nos permite dizer que o ato de ler pode ser como uma necessidade escolar que não necessariamente mantém-se no cotidiano do sujeito nas outras organizações sociais que o mesmo frequenta. Pressupõe-se, assim, que muitos sentidos de leitura são produzidos nesse período, o que justifica esta pesquisa.

A aprendizagem da leitura constitui-se a partir do domínio crítico da linguagem e da competência de comunicar-se pela escrita, e entender o que se apresenta por detrás das letras, os pensamentos que existem nas entrelinhas do texto.

A leitura pode fazer parte na vida das pessoas de forma significativa, através de um intercâmbio de suas vivências. Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), a leitura e a escrita estão ligadas uma a outra, não se pode separá-las, pois ambas nos dão uma visão de mundo. No entanto, na escola, se dá mais ênfase na escrita pela formação das palavras do que na leitura.

A leitura não é necessariamente uma descoberta do mundo, mas por meio dela é possível que ocorra um enriquecimento pessoal do leitor, diante das experiências individuais que ele constitui com o texto. O domínio da leitura envolve uma série de habilidades complexas que precisam ser desenvolvidas progressivamente.

Devo antes de tudo pontuar que a maneira que se interage com os textos é diferente para qualquer indivíduo, pois o resultado da leitura precede das experiências pessoais. Isso só pode se dar de acordo com Orlandi (1987); Perissé (2005), Chartier (1999) considerando que todo leitor tem sua história de leitura. O que nos leva a supor que toda interpretação oriunda de um universo de significados peculiares, pois cada leitor traz consigo uma vivência e uma atitude diferente. Assim, para Perissé (2005), forma-se como leitor é uma tarefa para toda vida. É uma história que cada uma carrega a sua, é um viver e conviver com livros, autores com a liberdade e o silêncio.

Optou-se por trabalhar com uma abordagem qualitativa de pesquisa, e para análise - guiados pela teoria da Análise Discursiva. Para obter as formulações dos sujeitos foi realizada uma entrevista em grupo com três alunos de 8º série, de uma escola da Rede Pública Municipal de Ilhota - SC. Porém, para este artigo, nos limitaremos a um recorte no discurso de um sujeito.

## **2. Analisando os discursos**

Inicia-se a análise e discussão das formulações realizadas pelos alunos de 8º série, sobre os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura, a partir do enunciado acima, no qual, o sujeito associa a leitura como uma prática escolarizada e a escrita de exercícios no caderno.

Pesquisador: tem algum momento de parada pra ler"

Sujeito1: não"

Sujeito 1: **que nem Português a gente lê o texto e depois a gente responde assim'** não tem uma parada pra só::: leitura mesmo'

Pesquisador: e daí o que vocês fazem praticamente depois da (+) da leitura"

Sujeito 1: **a gente faz o exercício que esta no livro'** Português assim né' é o que a gente mais faz' **daí ela manda** a gente lê e depois faz os exercícios/.../

Quando o sujeito declara "*não tem uma parada pra só leitura mesmo*" apóia o seu discurso na polifonia discordante, (ORLANDI, 1987), já que apresenta uma espécie de crítica àquele procedimento. A presença do advérbio de negação é um alerta à possibilidade de desejo contrário, nesse caso, poderia ser: "gostaria que tivesse uma parada para leitura".

Indo um pouco além, o sujeito continua a dizer o que faz depois da leitura: "*a gente faz o exercício que esta no livro*". Agora, se percebe que o sujeito não fala mais sozinho, há um apagamento do sujeito. Quando pontua que fazem leitura e em seguida respondem as questões que estão no livro, o foco deixa de ser a construção de significado e a produção de *efeitos de sentido entre interlocutores* (ORLANDI, 1987). A leitura na perspectiva de exercícios contrapõe a proposta dos PCN (2001) que enfatiza que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão, na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (p. 32)

Aprender a ler, portanto, não é somente aprender palavras, mas também seus significados culturais, e com eles, os modos pelos quais as pessoas se apropriam deles para entenderem, interpretarem e representarem à realidade, sendo habilidades decisivas para ser um sujeito ativo no mundo letrado.

Na fala do sujeito 1, aparece uma dicotomia entre a leitura proposta pelos PCN (2001), como prática social e a leitura escolar, uma vez que a escola, ainda,

apresenta-se enraizadas a práticas descontextualizadas, desconsiderando o aluno como um ser ativo com voz e vez na sociedade.

Vale ainda ressaltar que fazer leitura para responder exercícios enfadonhos de livros didáticos, é a chamada leitura morta, que Perissé (2005) pontua como leitura obrigatória, sem sentido, que faz para passar tempo, cumprir uma tarefa escolar (ganhar nota).

Gomes (2004) adverte que o livro didático é uma das ferramentas de desenvolvimento pedagógico, mas não deve tornar-se ele mesmo objeto de estudo. Ele, enquanto proposta, colabora com o aprendizado, mas o autor pontua que o livro didático, jamais, poderá substituir aspectos da realidade, da natureza e da sociedade.

Em seguida o sujeito<sup>1</sup>, acrescenta: *"que nem Português a gente lê o texto depois a gente responde assim."* Subjacente a esse depoimento, abre margem à interpretação que esta leitura e dinâmica de atividade são freqüentes para esses alunos. Diante deste fato é conveniente questionar: Como fica a liberdade de escolha dos alunos?

Ao considerar os fios teóricos que me dão aporte, (CHARTIER, 1999; PERISSÉ, 2005; ORLANDI, 1987), entendo que, por meio dos livros que se lê, das leituras que se faz, é possível tecer uma teia, inter-relacionando o conhecimento que os textos apresentam, com as vivências pessoais. Para Oliveira (1996, p. 28), "a conquista do leitor acontece, sobretudo no espírito de liberdade, do prazer, da aventura e do lúdico".

O uso de textos dos livros para aproveitar e trabalhar gramática, ortografia, ou, outros conteúdos, pode limitar o conhecimento do aluno. Será que o aluno se dá conta disso? Grande parte dos textos e histórias encontrados nos livros didáticos são resumos de obras, podendo talvez definir como "retalho de textos", em que os textos são fragmentados, com uma ilustração simplória e até com algumas referências incompletas. Este tipo de texto, dificilmente, despertará o desejo de ler no aluno.

Chartier (1999) aborda o assunto dizendo que o texto lido em seu suporte original é diferente do que se tirado de seu contexto. Ler uma literatura, com o livro nas mãos, uma história original e com ilustrações é diferente do que ler o mesmo texto em uma tela de computador. Assim, também, ocorre com os textos em livros didáticos. Ler um texto fora de seu suporte é desconsiderar em certos casos as alterações das condições de produção. Mesmo porque, a formação discursiva que o constituem é permeada por uma formação ideológica determinada (ORLANDI, 1987).

Parafraseando Martins (1998), um livro não é somente um texto escrito, é um objeto, uma mistura de cores, texturas, volume, cheiro... Principalmente para as crianças, é esta leitura que conta o som que se ouve ao folhear as páginas, abre asas para a imaginação.

As imagens, o formato, o encantamento que uma história proporciona a capacidade de comunicação com o mundo, a vontade de saciar a curiosidade, de mergulhar no desconhecido, são diferentes a cada história, a cada leitura.

Ao pontuar que a leitura é utilizada como pretexto para preenchimento de exercícios, o conceito de texto, que se ampara esta escola, parece-me como monumento (ORLANDI, 1987) - está estático, assim perde sua função social, e

acaba por limitar os efeitos de sentidos no aluno-leitor. Não há sentido sem interpretação, a interpretação é da natureza da linguagem, se imprime um gesto de interpretação, juntamente com um juízo de valor. Quando se lê um livro pela primeira ou pela décima vez estamos interpretando e modificando o seu sentido.

A intenção não é elencar críticas contra os livros didáticos, tampouco menosprezá-los, ou elogiá-los, mesmo porque este não é foco dessa pesquisa. Porém, é refletir sobre os materiais utilizados para leitura e compreender os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura no final do Ensino Fundamental. No entanto, é possível pensar que os livros didáticos têm trabalhado mais acentuadamente com a memória metálica, ou seja, com arquivos congelados, uma linguagem a - histórica (ORLANDI, 1987).

Trago Orlandi (1987) novamente dizendo: "Um texto é um bólido de sentido." Bólido na condição de porção, emaranhado de sentido. O texto é algo a ser destrinchado é peça significativa, o texto não é um monumento, mas é um documento que você examina, interpreta, assim, não está pronto, mas em movimento. Porém, os sujeitos entrevistados se referem ao trabalho com a leitura, enquanto, monumento, algo a ser contemplado, e não como documento, algo a ser interpretado.

Observa-se que o sujeito volta a destacar a disciplina de Língua Portuguesa, várias vezes, como se a leitura ocorresse e estivesse somente sob responsabilidade do professor dessa disciplina. Ao continuar a análise, em um trecho da entrevista o sujeito se reporta que faz o exercício porque o professor "*manda*". Nesta posição que o professor ocupa de autoritarismo, segundo Orlandi (1987), há um esmagamento do sujeito, uma vez que não o considera como construtor do conhecimento, e sim, um ser vazio. A obrigação do professor é repassar o saber legitimado pela escola. Há um ditado popular que diz: "*manda quem pode, obedece quem tem juízo*". Segundo Bourdieu (1987) a questão do juízo está atrelado a mecanismos coercitivos (violência simbólica) que o sujeito no decorrer de sua caminhada vai sofrendo, de tal modo, que se torna naturalizado. Isso pode ser feito pela repetição, o que levar à inculcação, ou seja, à capacidade de internalizar, com o objetivo de alcançar o conformismo (juízo).

Como um itinerante que caminha, passo a passo, aqui também, trago mais uma formulação para juntos compartilharmos uma leitura e múltiplas interpretações.

Pesquisadora: e pra que vocês leem"

((Silêncio))

Pesquisadora: pra que que vocês acham que a leitura é importante"

Sujeito 1: pra gente ta praticando sei lá' pra gente aprende alguma coisa'

Sujeito 1: tudo pra gente entender a gente tem que lê né' (++) por exemplo marca num lugar assim POSTO (+) a gente já sabe o que que é' então pra mim é isso' significa (+) é' é' (++)

Sujeito 1: é informação de alguma coisa/.../

Na entrevista, há muitos silêncios marcados por olhares, pela falta de voz, por risos disfarçados, aquilo que Orlandi (2001), chama de silêncio constitutivo. Segundo a autora, é uma espécie de camuflagem, considerando que a dimensão do não-dito libera o possível, gerando clima de incerteza e o crescimento de vários significados ocultos. O aparecimento desses silêncios entre falas, também, pode representar um afastamento estratégico, ou, o não comprometimento com o dito.

Por meio dos silêncios e o interdiscurso marcados na entrevista, pontuamos que a palavra acima de tudo é um ato político, mesmo quando o sujeito silencia. Quando ele pronuncia, ou não, é um ato político. Essa é uma das peças chaves da AD, cujo ato político está envolto de uma ideologia. O que resulta na incompletude da palavra: - nenhuma comunicação vai conseguir fechar tudo (dizer tudo), o que abre para muitas interpretações.

Pode-se perceber, novamente, a asseveração referente a exercício e palavra praticar. Praticar no dicionário Larousse (1992, p. 592) é: "pôr em prática, exercer, desempenhar, cumprir, pôr em ação, executar (...) adquirir prática ou experiência. O exercício mencionado anteriormente, também, é uma prática".

Em seguida continua dizendo *"sei lá" nesse trecho*, o sujeito se revela confuso, pouco seguro para uma afirmação: - para que a leitura serve; qual a finalidade; o motivo para se ler. São diversas as razões para ler: ler para informar-se, estudar, escrever ou revisar o que produz, para resolver problemas do cotidiano, para divertir-se. Pode-se suceder, no entanto, uma comunicação de igual para igual com o mundo, seja no tempo ou no espaço. Em relação a estas idéias convém lembrar das contribuições de D'Ambrosio através da comum ação (comunicação) interagimos com os outros, desta forma ampliamos e aprimoramos nossas maneiras de conhecer/construirmos conhecimentos e assim nos inscrevemos, ao mesmo tempo em que influenciados, na cultura de que fazem parte". (D'AMBROSIO, 1998, p.31)

A leitura abre janelas para o humor, para a aventura, para mobilizar diferentes tipos de sentimentos, para conhecer o mundo, culturas diferentes e a própria cultura. Entretanto, essa finalidade começa a ficar subentendida quando se reporta à leitura como aprendizado, pela qual, o sujeito precisa entender, ou seja, interpretar.

A leitura inicia-se muito antes da entrada na escola e acompanha o indivíduo por toda a vida, desdobrando-se como fonte de prazer, conhecimento, descoberta. A leitura ultrapassa os muros escolares, possibilita uma conquista de autonomia, permite uma transposição do senso comum, sendo possível receber informações culturais, sociais e econômicas.

Para Perissé (2005), a leitura vai além de ler e escrever, ela envolve uma compreensão de mundo diferente das pessoas que não tem acesso à leitura. Para o mesmo autor ainda, a leitura tem um papel de acréscimo nos modos de pensar e agir, dessa forma ela cria novas identidades e novas formas de inserção na sociedade.

Quando o sujeito diz que: *"Tudo pra gente entender tem que ler"*, está se remetendo que fazemos parte de uma sociedade letrada, em que se espera ser capaz de executar práticas sociais de leitura e escrita como saber localizar e obter uma informação, produzir textos escritos associados a práticas de linguagem oral. Trata-se do letramento; Soares (2003) registra que:

Um indivíduo alfabetizado não é um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado - o indivíduo que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (p. 39 e 44)

Gabriel Perissé (2005) menciona a leitura em cinco dimensões: a leitura funcional, recreativa, reflexiva, inspiradora e formativa. A leitura funcional é o que chama de leitura que serve para informação, ou seja, a primeira categoria de leitura. Considera a leitura funcional aquela necessária para apreender informações úteis para a vida social, como a leitura de um manual, de contratos, em que se precisa de certa atenção, mas sempre lendo o que nos interessa.

A leitura recreativa dá lugar à descontração ao prazer, ao sentimento de liberdade. São leituras agradáveis expressam uma energia positiva.

A leitura reflexiva é o oposto da recreativa. A leitura reflexiva exige um leitor compenetrado, ela é exigente, isso supõe um leitor uma postura de um interlocutor ativo que propõe perguntas, que pensa, interroga. A partir das palavras enunciadas elas ganham sentidos, pois o interlocutor dialoga junto com o texto o que determina um enunciado repleto de ecos e lembranças - a sua e a do outro.

Na leitura reflexiva ocorre, então, o que Faraco (2006) denomina de "espaço de luta entre vozes sociais", em que reflexão me leva a aceitar ou contrapor as idéias defendidas pelo autor. José Saramago (1985) têm um texto denominado "Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio", isso ocorre também, no ponto de vista Chartier (1999), Orlandi (1987), Perissé (2005), por que o tempo, o pensamento, os lugares, o olhar, tudo oscila de uma olhada para outra, portanto, "estas águas já não são minhas". Torna-se possível afirmar esta frase quando se tem no cotidiano à leitura como um horizonte em busca de formação, de transformação, ou seja, mais uma maneira de ver o mundo. Esta leitura denomina-se de formativa, uma vez que "nos reforma diariamente. A leitura impede o acomodamento. Aprendemos a ler, e depois lemos para aprender.". (PERISSÉ, 2005, p. 63)

No dizer desse sujeito, indícios sinalizaram um empobrecimento da função da leitura, não aqui desmerecendo o papel que a leitura informativa cumpre, porém, nos limitarmos a ela parece pouco aplausível. Neste caso, ter a leitura somente como fonte de *informação*, restringem a finalidade da leitura em suas vidas, por se tratar de alunos de estão completando o Ensino Fundamental.

### **3 Palavras a-finais**

Ao retomar o objetivo geral, como ponto de partida: *compreender os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura nos discursos dos alunos*. Convido você, meu interlocutor, que ainda está a ler as páginas desse emaranhado discursivo, a refletir sobre os fios conclusivos, que por ora se apresenta.

A leitura como prática escolarizada, utilizada para responder exercícios de livros, foi apontada nas formulações discursivas do sujeito. Subjacente a seu depoimento, retratou a necessidade da leitura, enquanto, prática social. Como também, deixou entrever a carência de definição sobre: a importância, a utilidade da leitura no final do Ensino Fundamental, citando-a exclusivamente, como fonte de informação.

Para ocorrer um movimento significativo em relação à leitura, sugere-se que ocorra um processo de avaliação e reflexão nas instituições, sobre a maneira como é conduzida a leitura, em que às vezes, as instâncias priorizam a memorização e repetição de textos.

Ser leitor na escola pode ser mais do que participar de práticas escolarizadas, ou seja, adquirir/reter informação e realizar leituras mortas (PERISSÉ, 2005) sem função e papel social. É poder oportunizar como fundamento a leitura dentro das dimensões de Perissé: ler para informar-se, para distrair-se, para refletir, para inspira-se, e nessas condições formar-se e transformar-se, enquanto cidadão, com voz e vez, dentro da sociedade letrada de que participa.

A leitura, aqui compreendida, abre a possibilidade de renovar e considerar o aluno como é - um ser heterogêneo, possuidor de materialidades lingüísticas variadas, permeado num contexto sócio-histórico-ideológico.

Gostaria de lembrar as palavras proferidas por Boff (1997, p. 9), quando fala que "cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Isto faz da leitura sempre uma releitura.". Esse dizer retrata a posição que ocupo neste momento, que as interpretações e compreensões são advindas do meu ponto de vista, juntamente, com os autores que participam dessa incursão. Faz-se necessário ressaltar ainda, que em momento algum tive a pretensão de expor resultados finais, pelo fato de "a cada leitura há sempre uma releitura", e com isso, as compreensões podem ser alteradas - diante das mesmas formulações, ou diante, de releituras dos que caminham comigo (minhas referências).

### **Autores que caminham comigo - Minhas Referências**

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: Uma metáfora da Condição Humana**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. **Estrutura, habitus e prática**. In: \_\_\_\_\_. A economia das trocas simbólicas. (org.) Sergio Miceli. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais** Brasília: A secretaria, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: A Secretaria, 2001.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo:** as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. 2ª. Ed. - Curitiba: Edições Criar, 2006.

FREIRE, Paulo. **A Importância de o Ato de Ler.** São Paulo: Cortez, 1997.

GOMES, Solange. **Língua Portuguesa 4º série.** Campina Grande do Sul/PR Ed. Lago, 2004 (Coleção Vitória Régia).

LAROUSSE, Cultural. **Dicionário de Língua Portuguesa.** São Paulo: Nova Cultural, 1992.

MARTINS, Maria H. **O que é Leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer.** São Paulo: Paulinas, 1996.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso.** 2 ed. São Paulo: Pontes Editores, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso:** Princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. **Elogio da Leitura.** Barueri, São Paulo: Manoele, 2005.

SANTA CATARINA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO.  
**Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Disciplinas Curriculares.** Florianópolis: COGEN, 1998.

SARAMAGO, José. **Deste mundo e do outro.** Lisboa: Caminho, 1985.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>1</sup> *Mestranda em Educação pela FURB (Universidade Regional de Blumenau), Especialista em Gestão com ênfase em: Administração, Supervisão e Orientação escolar pela Dom Bosco, graduada em Pedagogia (FURB). Atualmente é bolsista com financiamento pela CAPES.(Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior).*

## 1 Iniciando a discussão

Essa investigação é um recorte de pesquisa de mestrado em Educação, que busca uma compreensão teórica do ato de pesquisar com o propósito de responder por meio dos alunos de 8º série a seguinte questão: *Quais os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura nos discursos dos alunos de 8º série?* Um dos grandes objetivos da escola apóia-se no desenvolvimento da linguagem. A leitura sustenta-se na linguagem e perpassa todo o campo educacional, sendo legitimada e qualificada durante o período escolar. Nessas condições, é uma habilidade que favorece o trânsito dos estudos e a apropriação de conteúdos nas diferentes áreas, inclusive, os inerentes às teorias do conhecimento. A leitura compõe os elementos que garantem o desenvolvimento humano e a educação integral do aluno.

Na pesquisa, Retratos da Leitura no Brasil, realizada em maio de 2008, revela indicativos importantes em que houve um crescimento de leitura no país nos últimos anos. Porém, aponta que 48% da população declaram-se como não-leitores (não leram um livro nos três meses anteriores à pesquisa). As dificuldades de leitura declaradas configuram um quadro de má formação das habilidades necessárias à leitura, o que pode decorrer da fragilidade do processo educacional: lêem muito devagar: 17%; não compreendem o que lêem: 7%; não têm paciência para ler: 11%; não têm concentração: 7%. Todos esses problemas dizem respeito a habilidades que são formadas no processo educacional. Os dados apresentados somam 42% do universo pesquisado. Apesar dessas confirmações, a pesquisa demonstra que as pessoas lêem mais na idade escolar, o que nos permite dizer que o ato de ler pode ser como uma necessidade escolar que não necessariamente mantém-se no cotidiano do sujeito nas outras organizações sociais que o mesmo frequenta. Pressupõe-se, assim, que muitos sentidos de leitura são produzidos nesse período, o que justifica esta pesquisa.

A aprendizagem da leitura constitui-se a partir do domínio crítico da linguagem e da competência de comunicar-se pela escrita, e entender o que se apresenta por detrás das letras, os pensamentos que existem nas entrelinhas do texto.

A leitura pode fazer parte na vida das pessoas de forma significativa, através de um intercâmbio de suas vivências. Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina

(1998), a leitura e a escrita estão ligadas uma a outra, não se pode separá-las, pois ambas nos dão uma visão de mundo. No entanto, na escola, se dá mais ênfase na escrita pela formação das palavras do que na leitura.

A leitura não é necessariamente uma descoberta do mundo, mas por meio dela é possível que ocorra um enriquecimento pessoal do leitor, diante das experiências individuais que ele constitui com o texto. O domínio da leitura envolve uma série de habilidades complexas que precisam ser desenvolvidas progressivamente.

Devo antes de tudo pontuar que a maneira que se interage com os textos é diferente para qualquer indivíduo, pois o resultado da leitura precede das experiências pessoais. Isso só pode se dar de acordo com Orlandi (1987); Perissé (2005), Chartier (1999) considerando que todo leitor tem sua história de leitura. O que nos leva a supor que toda interpretação oriunda de um universo de significados peculiares, pois cada leitor traz consigo uma vivência e uma atitude diferente. Assim, para Perissé (2005), forma-se como leitor é uma tarefa para toda vida. É uma história que cada uma carrega a sua, é um viver e conviver com livros, autores com a liberdade e o silêncio.

Optou-se por trabalhar com uma abordagem qualitativa de pesquisa, e para análise - guiados pela teoria da Análise Discursiva. Para obter as formulações dos sujeitos foi realizada uma entrevista em grupo com três alunos de 8º série, de uma escola da Rede Pública Municipal de Ilhota – SC. Porém, para este artigo, nos limitaremos a um recorte no discurso de um sujeito.

## 2. Analisando os discursos

Inicia-se a análise e discussão das formulações realizadas pelos alunos de 8º série, sobre os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura, a partir do enunciado acima, no qual, o sujeito associa a leitura como uma prática escolarizada e a escrita de exercícios no caderno.

Pesquisador: tem algum momento de parada pra ler”

Sujeito1: não”

Sujeito 1: **que nem Português a gente lê o texto e depois a gente responde assim**’ não tem uma parada pra só::: leitura mesmo’

Pesquisador: e daí o que vocês fazem praticamente depois da (+) da leitura”

Sujeito 1: **a gente faz o exercício que esta no livro**' Português assim né' é o que a gente mais faz' **daí ela manda** a gente lê e depois faz os exercícios/.../

Quando o sujeito declara "*não tem uma parada pra só leitura mesmo*" apóia o seu discurso na polifonia discordante, (ORLANDI, 1987), já que apresenta uma espécie de crítica àquele procedimento. A presença do advérbio de negação é um alerta à possibilidade de desejo contrário, nesse caso, poderia ser: "gostaria que tivesse uma parada para leitura".

Indo um pouco além, o sujeito continua a dizer o que faz depois da leitura: "*a gente faz o exercício que esta no livro*". Agora, se percebe que o sujeito não fala mais sozinho, há um apagamento do sujeito. Quando pontua que fazem leitura e em seguida respondem as questões que estão no livro, o foco deixa de ser a construção de significado e a produção de *efeitos de sentido entre interlocutores* (ORLANDI, 1987). A leitura na perspectiva de exercícios contrapõe a proposta dos PCN (2001) que enfatiza que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão, na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (p. 32)

Aprender a ler, portanto, não é somente aprender palavras, mas também seus significados culturais, e com eles, os modos pelos quais as pessoas se apropriam deles para entenderem, interpretarem e representarem à realidade, sendo habilidades decisivas para ser um sujeito ativo no mundo letrado.

Na fala do sujeito 1, aparece uma dicotomia entre a leitura proposta pelos PCN (2001), como prática social e a leitura escolar, uma vez que a escola, ainda, apresenta-se enraizadas a práticas descontextualizadas, desconsiderando o aluno como um ser ativo com voz e vez na sociedade.

Vale ainda ressaltar que fazer leitura para responder exercícios enfadonhos de livros didáticos, é a chamada leitura morta, que Perissé (2005) pontua como leitura obrigatória, sem sentido, que faz para passar tempo, cumprir uma tarefa escolar (ganhar nota).

Gomes (2004) adverte que o livro didático é uma das ferramentas de desenvolvimento pedagógico, mas não deve tornar-se ele mesmo objeto de estudo. Ele, enquanto proposta, colabora com o aprendizado, mas o autor pontua que o livro didático, jamais, poderá substituir aspectos da realidade, da natureza e da sociedade.

Em seguida o sujeito<sup>1</sup>, acrescenta: *“que nem Português a gente lê o texto depois a gente responde assim.”* Subjacente a esse depoimento, abre margem à interpretação que esta leitura e dinâmica de atividade são freqüentes para esses alunos. Diante deste fato é conveniente questionar: Como fica a liberdade de escolha dos alunos?

Ao considerar os fios teóricos que me dão aporte, (CHARTIER, 1999; PERISSÉ, 2005; ORLANDI, 1987), entendo que, por meio dos livros que se lê, das leituras que se faz, é possível tecer uma teia, inter-relacionando o conhecimento que os textos apresentam, com as vivências pessoais. Para Oliveira (1996, p. 28), “a conquista do leitor acontece, sobretudo no espírito de liberdade, do prazer, da aventura e do lúdico”.

O uso de textos dos livros para aproveitar e trabalhar gramática, ortografia, ou, outros conteúdos, pode limitar o conhecimento do aluno. Será que o aluno se dá conta disso? Grande parte dos textos e histórias encontrados nos livros didáticos são resumos de obras, podendo talvez definir como “retalho de textos”, em que os textos são fragmentados, com uma ilustração simplória e até com algumas referências incompletas. Este tipo de texto, dificilmente, despertará o desejo de ler no aluno.

Chartier (1999) aborda o assunto dizendo que o texto lido em seu suporte original é diferente do que se tirado de seu contexto. Ler uma literatura, com o livro nas mãos, uma história original e com ilustrações é diferente do que ler o mesmo texto em uma tela de computador. Assim, também, ocorre com os textos em livros didáticos. Ler um texto fora de seu suporte é desconsiderar em certos casos as alterações das condições de produção. Mesmo porque, a formação discursiva que o constituem é permeada por uma formação ideológica determinada (ORLANDI, 1987).

Parafraseando Martins (1998), um livro não é somente um texto escrito, é um objeto, uma mistura de cores, texturas, volume, cheiro... Principalmente para as crianças, é esta leitura que conta o som que se ouve ao folhear as páginas, abre asas para a imaginação.

As imagens, o formato, o encantamento que uma história proporciona a capacidade de comunicação com o mundo, a vontade de saciar a curiosidade, de mergulhar no desconhecido, são diferentes a cada história, a cada leitura.

Ao pontuar que a leitura é utilizada como pretexto para preenchimento de exercícios, o conceito de texto, que se ampara esta escola, parece-me como monumento (ORLANDI, 1987) - está estático, assim perde sua função social, e acaba por limitar os efeitos de sentidos no aluno-leitor. Não há sentido sem interpretação, a interpretação é da natureza da linguagem, se imprime um gesto de interpretação, juntamente com um juízo de valor. Quando se lê um livro pela primeira ou pela décima vez estamos interpretando e modificando o seu sentido.

A intenção não é elencar críticas contra os livros didáticos, tampouco menosprezá-los, ou elogiá-los, mesmo porque este não é foco dessa pesquisa. Porém, é refletir sobre os materiais utilizados para leitura e compreender os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura no final do Ensino Fundamental. No entanto, é possível pensar que os livros didáticos têm trabalhado mais acentuadamente com a memória metálica, ou seja, com arquivos congelados, uma linguagem a – histórica (ORLANDI, 1987).

Trago Orlandi (1987) novamente dizendo: “Um texto é um bólido de sentido.” Bólido na condição de porção, emaranhado de sentido. O texto é algo a ser destrinchado é peça significativa, o texto não é um monumento, mas é um documento que você examina, interpreta, assim, não está pronto, mas em movimento. Porém, os sujeitos entrevistados se referem ao trabalho com a leitura, enquanto, monumento, algo a ser contemplado, e não como documento, algo a ser interpretado.

Observa-se que o sujeito volta a destacar a disciplina de Língua Portuguesa, várias vezes, como se a leitura ocorresse e estivesse somente sob responsabilidade do professor dessa disciplina. Ao continuar a análise, em um trecho da entrevista o sujeito se reporta que faz o exercício porque o professor “*manda*”. Nesta posição que o professor ocupa de autoritarismo, segundo Orlandi (1987), há um esmagamento do sujeito, uma vez que não o considera como construtor do conhecimento, e sim, um ser vazio. A obrigação do professor é repassar o saber legitimado pela escola. Há um ditado popular que diz: “*manda quem pode, obedece quem tem juízo*”. Segundo

Bourdieu (1987) a questão do juízo está atrelado a mecanismos coercitivos (violência simbólica) que o sujeito no decorrer de sua caminhada vai sofrendo, de tal modo, que se torna naturalizado. Isso pode ser feito pela repetição, o que levar à inculcação, ou seja, à capacidade de internalizar, com o objetivo de alcançar o conformismo (juízo).

Como um itinerante que caminha, passo a passo, aqui também, trago mais uma formulação para juntos compartilharmos uma leitura e múltiplas interpretações.

Pesquisadora: e pra que vocês leem”

((Silêncio))

Pesquisadora: pra que que vocês acham que a leitura é importante”

Sujeito 1: pra gente ta praticando sei lá’ pra gente aprende alguma coisa’

Sujeito 1: tudo pra gente entender a gente tem que lê né’ (++) por exemplo marca num lugar assim POSTO (+) a gente já sabe o que que é’ então pra mim

é isso’ significa (+) é’ é’ (++)

Sujeito 1: é informação de alguma coisa/.../

Na entrevista, há muitos silêncios marcados por olhares, pela falta de voz, por risos disfarçados, aquilo que Orlandi (2001), chama de silêncio constitutivo. Segundo a autora, é uma espécie de camuflagem, considerando que a dimensão do não-dito libera o possível, gerando clima de incerteza e o crescimento de vários significados ocultos. O aparecimento desses silêncios entre falas, também, pode representar um afastamento estratégico, ou, o não comprometimento com o dito.

Por meio dos silêncios e o interdiscurso marcados na entrevista, pontuamos que a palavra acima de tudo é um ato político, mesmo quando o sujeito silencia. Quando ele pronuncia, ou não, é um ato político. Essa é uma das peças chaves da AD, cujo ato político está envolto de uma ideologia. O que resulta na incompletude da palavra: - nenhuma comunicação vai conseguir fechar tudo (dizer tudo), o que abre para muitas interpretações.

Pode-se perceber, novamente, a asseveração referente a exercício e palavra praticar. Praticar no dicionário Larousse (1992, p. 592) é: “pôr em prática, exercer, desempenhar, cumprir, pôr em ação, executar (...) adquirir prática ou experiência. O exercício mencionado anteriormente, também, é uma prática”.

Em seguida continua dizendo “*sei lá*” *nesse trecho*, o sujeito se revela confuso, pouco seguro para uma afirmação: - para que a leitura serve; qual a finalidade; o motivo para se ler. São diversas as razões para ler: ler para informar-se, estudar, escrever ou

revisar o que produz, para resolver problemas do cotidiano, para divertir-se. Pode-se suceder, no entanto, uma comunicação de igual para igual com o mundo, seja no tempo ou no espaço. Em relação a estas idéias convém lembrar das contribuições de D'Ambrosio através da comum ação (comunicação) interagimos com os outros, desta forma ampliamos e aprimoramos nossas maneiras de conhecer/construirmos conhecimentos e assim nos inscrevemos, ao mesmo tempo em que influenciemos, na cultura de que fazemos parte". (D'AMBROSIO, 1998, p.31)

A leitura abre janelas para o humor, para a aventura, para mobilizar diferentes tipos de sentimentos, para conhecer o mundo, culturas diferentes e a própria cultura. Entretanto, essa finalidade começa a ficar subentendida quando se reporta à leitura como aprendizado, pela qual, o sujeito precisa entender, ou seja, interpretar.

A leitura inicia-se muito antes da entrada na escola e acompanha o indivíduo por toda a vida, desdobrando-se como fonte de prazer, conhecimento, descoberta. A leitura ultrapassa os muros escolares, possibilita uma conquista de autonomia, permite uma transposição do senso comum, sendo possível receber informações culturais, sociais e econômicas.

Para Perissé (2005), a leitura vai além de ler e escrever, ela envolve uma compreensão de mundo diferente das pessoas que não têm acesso à leitura. Para o mesmo autor ainda, a leitura tem um papel de acréscimo nos modos de pensar e agir, dessa forma ela cria novas identidades e novas formas de inserção na sociedade.

Quando o sujeito diz que: *"Tudo pra gente entender tem que ler"*, está se remetendo que fazemos parte de uma sociedade letrada, em que se espera ser capaz de executar práticas sociais de leitura e escrita como saber localizar e obter uma informação, produzir textos escritos associados a práticas de linguagem oral. Trata-se do letramento; Soares registra que:

Um indivíduo alfabetizado não é um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado – o indivíduo que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2003, p. 39 e 44)

Gabriel Perissé (2005) menciona a leitura em cinco dimensões: a leitura funcional, recreativa, reflexiva, inspiradora e formativa. A leitura funcional é o que chama de leitura que serve para informação, ou seja, a primeira categoria de leitura. Considera a leitura funcional aquela necessária para apreender informações úteis para a vida social, como a leitura de um manual, de contratos, em que se precisa de certa atenção, mas sempre lendo o que nos interessa.

A leitura recreativa dá lugar à descontração ao prazer, ao sentimento de liberdade. São leituras agradáveis expressam uma energia positiva.

A leitura reflexiva é o oposto da recreativa. A leitura reflexiva exige um leitor compenetrado, ela é exigente, isso supõe um leitor uma postura de um interlocutor ativo que propõe perguntas, que pensa, interroga. A partir das palavras enunciadas elas ganham sentidos, pois o interlocutor dialoga junto com o texto o que determina um enunciado repleto de ecos e lembranças - a sua e a do outro.

Na leitura reflexiva ocorre, então, o que Faraco (2006) denomina de “espaço de luta entre vozes sociais”, em que reflexão me leva a aceitar ou contrapor as idéias defendidas pelo autor. José Saramago (1985) têm um texto denominado “Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”, isso ocorre também, no ponto de vista Chartier (1999), Orlandi (1987), Perissé (2005), por que o tempo, o pensamento, os lugares, o olhar, tudo oscila de uma olhada para outra, portanto, “estas águas já não são minhas”. Torna-se possível afirmar esta frase quando se tem no cotidiano à leitura como um horizonte em busca de formação, de transformação, ou seja, mais uma maneira de ver o mundo. Esta leitura denomina-se de formativa, uma vez que “nos reforma diariamente. A leitura impede o acomodamento. Aprendemos a ler, e depois lemos para aprender.”.(PERISSÉ, 2005, p. 63)

No dizer desse sujeito, indícios sinalizaram um empobrecimento da função da leitura, não aqui desmerecendo o papel que a leitura informativa cumpre, porém, nos limitarmos a ela parece pouco aplausível. Neste caso, ter a leitura somente como fonte de *informação*, restringem a finalidade da leitura em suas vidas, por se tratar de alunos de estão completando o Ensino Fundamental.

### **3 Palavras a-finais**

Ao retomar o objetivo geral, como ponto de partida: *compreender os efeitos de sentidos produzidos em relação à leitura nos discursos dos alunos*. Convido você, meu interlocutor, que ainda está a ler as páginas desse emaranhado discursivo, a refletir sobre os fios conclusivos, que por ora se apresenta.

A leitura como prática escolarizada, utilizada para responder exercícios de livros, foi apontada nas formulações discursivas do sujeito. Subjacente a seu depoimento, retratou a necessidade da leitura, enquanto, prática social. Como também, deixou entrever a carência de definição sobre: a importância, a utilidade da leitura no final do Ensino Fundamental, citando-a exclusivamente, como fonte de informação.

Para ocorrer um movimento significativo em relação à leitura, sugere-se que ocorra um processo de avaliação e reflexão nas instituições, sobre a maneira como é conduzida a leitura, em que às vezes, as instâncias priorizam a memorização e repetição de textos.

Ser leitor na escola pode ser mais do que participar de práticas escolarizadas, ou seja, adquirir/reter informação e realizar leituras mortas (PERISSÉ, 2005) sem função e papel social. É poder oportunizar como fundamento a leitura dentro das dimensões de Perissé: ler para informar-se, para distrair-se, para refletir, para inspira-se, e nessas condições formar-se e transformar-se, enquanto cidadão, com voz e vez, dentro da sociedade letrada de que participa.

A leitura, aqui compreendida, abre a possibilidade de renovar e considerar o aluno como é - um ser heterogêneo, possuidor de materialidades lingüísticas variadas, permeado num contexto sócio-histórico-ideológico.

Gostaria de lembrar as palavras proferidas por Boff (1997, p. 9), quando fala que “cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Isto faz da leitura sempre uma releitura.”. Esse dizer retrata a posição que ocupo neste momento, que as interpretações e compreensões são advindas do meu ponto de vista, juntamente, com os autores que participam dessa incursão. Faz-se necessário ressaltar ainda, que em momento algum tive a pretensão de expor resultados finais, pelo fato de “a cada leitura há sempre uma

releitura”, e com isso, as compreensões podem ser alteradas – diante das mesmas formulações, ou diante, de releituras dos que caminham comigo (minhas referências).

### **Autores que caminham comigo – Minhas Referências**

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: Uma metáfora da Condição Humana**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. **Estrutura, habitus e prática**. In: \_\_\_\_\_. A economia das trocas simbólicas. (org.) Sergio Miceli. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental: **Parâmetros Curriculares Nacionais** Brasília: A secretaria, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: A Secretaria, 2001.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin**. 2ª. Ed. - Curitiba: Edições Criar, 2006.

FREIRE, Paulo. **A Importância de o Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1997.

GOMES, Solange. **Língua Portuguesa 4º série**. Campina Grande do Sul/PR Ed. Lago, 2004 (Coleção Vitória Regia).

LAROUSSE, Cultural. **Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

MARTINS, Maria H. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer**. São Paulo: Paulinas, 1996.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 2 ed. São Paulo: Pontes Editores, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso: Princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

PERISSÉ, Gabriel. **Elogio da Leitura**. Barueri, São Paulo: Manoele, 2005.

SANTA CATARINA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Disciplinas Curriculares.** Florianópolis: COGEN, 1998.

SARAMAGO, José. **Deste mundo e do outro.** Lisboa: Caminho, 1985.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>1</sup> *Mestranda em Educação pela FURB (Universidade Regional de Blumenau), Especialista em Gestão com ênfase em: Administração, Supervisão e Orientação escolar pela Dom Bosco, graduada em Pedagogia (FURB). Atualmente é bolsista com financiamento pela CAPES.(Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior).*